

CONSUMO & RESÍDUOS:

DUAS FACES DA MESMA MOEDA

| POR SYLMARA GONÇALVES-DIAS

Cada vez mais aumenta o “monte de lixo” formado por resíduos industriais e produtos obsoletos descartados na natureza. Esse fenômeno, difícil de ser freado, pode ser visto como uma metáfora da nossa civilização.



apetite do mundo contemporâneo por recursos e energia vem aumentando de forma implacável. O crescimento da produção, consumo e descarte, acelerado pela obsolescência programada dos produtos manufaturados e pela multiplicação de novos modelos

e versões constantemente colocados à disposição do público, assumiu proporções incontroláveis e tornou a geração de resíduos um desafio ambiental de dimensões inéditas. A ameaça de esgotamento dos recursos naturais tornou-se uma crítica crônica ao modelo de desenvolvimento da sociedade de consumo, que, para reproduzir-se, vem requerendo sempre mais recursos naturais.

Nesse contexto, aumenta em escala mundial o “monte de lixo” formado por bens manufaturados obsoletos e resíduos industriais. Este refugo, cujo crescimento é proporcional à geração de riqueza e prosperidade econômica, pode ser pensado como uma metáfora do nosso modelo de civilização, em que se efetivou um perigoso divórcio entre consumo e produção, de um lado, e meio ambiente do outro.

O QUE FAZER COM TANTO LIXO?

Mas como equacionar esse problema? Por enquanto, sem políticas satisfatórias, estamos indo pouco além de empurrar o lixo para debaixo do tapete.

De um lado, a solução demanda redução ou disciplina do consumo, tornando-o mais consciente e responsável. A dificuldade, aqui, é que muitas vezes o atual nível de consumo não é identificado como parte do problema pelo cidadão comum, que não o associa à degradação ambiental. Decisões individuais têm impactos externos não sensíveis e reconhecidos pelo consumidor.

De outro está a questão da produção, em que se impõe o desenho de políticas de produto, como eliminação de materiais tóxicos, *ecodesign*, rotulagem ambiental e outros itens que garantem a prevenção na origem. Mas essas políticas afetam uma intrincada rede de implicações, que envolve a cadeia produtiva, o comportamento individual e coletivo, as características dos resíduos gerados, os atores formais e informais envolvidos, as leis e regulamentações, a tecnologia, etc., fazendo com que qualquer desenho de estratégia ou política pública se torne altamente complexa.

Não por acaso, embora diversos países venham esboçando políticas nesse sentido, estas se apresentam, em geral, isoladas e incongruentes. O que se vê são iniciativas episódicas, que mobilizam um sem número de agentes, mas não representam soluções sistêmicas e eficazes à problemática do consumo e geração de resíduos. Não conseguem mexer em um sistema econômico inteiramente baseado na cadeia de produção-consumo-descarte, cujo motor é o consumo e cuja consequência é a produção de resíduos sólidos na forma de bens obsoletos e desperdício.

REDUZIR É POSSÍVEL?

Atacar o problema da forma mais direta, simplesmente restringindo o consumo, é visto como uma impossibilidade por grande parte das correntes teóricas atuais, por representar barreira penosa demais para uma sociedade em que o consumo passou a mediar todas as relações sociais e a própria noção de identidade. Ademais, isso implicaria reduzir também a produção e, com ela, os níveis de renda e emprego, possibilidade incogitável em qualquer agenda macroeconômica atual.

O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO, CONSUMO E DESCARTE DE PRODUTOS ASSUMIU PROPORÇÕES INCONTROLÁVEIS E TORNOU A GERAÇÃO DE RESÍDUOS UM DESAFIO AMBIENTAL DE DIMENSÕES INÉDITAS



Nesse quadro, a prevenção da geração de resíduos na produção se torna um conceito essencial por ser ao mesmo tempo um fator técnico e uma noção a ser inculcada em todos os elos da cadeia de produção-consumo, no que diz respeito à escassez de recursos naturais a médio e longo prazos. Programas de prevenção integrada de resíduos deveriam ser priorizados, abrangendo tanto o plano dos processos produtivos quanto o do consumo. Em outras palavras, o que se requer é uma redução na geração de resíduos que vá além da mera substituição de produtos poluentes por verdes ou limpos com o mesmo ou maior nível de consumo. Mudanças tecnológicas devem ser acompanhadas de transformações culturais e estruturais,

de tal forma que a responsabilidade da redução não recaia só sobre o consumidor ou só sobre a tecnologia e os processos de produção.

Nas propostas de gestão integrada de resíduos, avanços na temática da prevenção têm o potencial de contribuir de forma teórica e prática no sentido de proporcionar maior eficiência e qualificação aos setores público e privado. Ainda que iniciativas governamentais procurem operar em frentes ambientais, como reciclagem de resíduos, permanecem decisivos questionamentos em relação ao porquê da quase inexistência de políticas públicas que focalizem as práticas de consumo e os desafios para a construção e implementação de medidas de prevenção de resíduos.



ESTADO DA ARTE NO BRASIL

No caso do Brasil, tanto a literatura acadêmica quanto os setores público e privado ainda carecem de uma visão mais integrada sobre o tema, e isso se reflete na qualidade das políticas públicas.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei nº 12.305/10, embora seja um referencial regulatório extremamente importante para a gestão de resíduos sólidos em todo o país, ainda apresenta conceitos e diretrizes demasiadamente genéricos. A PNRS cita a necessidade de modificar o comportamento em relação ao consumo. No entanto, há relativamente pouca pesquisa articulando produção, consumo e resíduo no contexto brasileiro. Uma das premissas básicas da política parece ser que mudanças de atitude e comportamento dos consumidores são fundamentais

para lidar com as questões ambientais relacionadas à geração de resíduos sólidos. Mas não se deixa claro quais mudanças específicas devem ser buscadas, nem como fazer isso.

Engajar-se em tentativas de mudar os níveis e o comportamento de consumo é, por outro lado, pensar em aspectos fundamentais do mundo social, mais abrangentes do que os contemplados na PNRS. Consumismo, desperdício, falta de saneamento básico e gerenciamento ineficiente são alguns dos fatores responsáveis pelo agravamento da situação.

MUDAR O MODO DE CONSUMIR

Diante dessa discussão, as possíveis soluções apontam para a transformação no modo de consumir. É preciso que os cidadãos adquiram conhecimento dos impactos de suas ações e tomem decisões acertadas no ato do consumo, o que refletirá na promoção da qualidade de vida e do desenvolvimento local. O comportamento individual é a chave para compreender as mudanças que a sociedade ocasiona ao ambiente e, a partir daí, desenhando políticas.

Ao mesmo tempo, olhar para o problema do ponto de vista do comportamento do consumidor, embora possa ser atrativo, revela-se um terreno complexo. As pessoas são atraídas ao consumo material por uma ampla variedade de caminhos; alguns funcionais, outros simbólicos. Elas frequentemente estão presas a padrões insustentáveis por uma mistura complexa de fatores: institucionais, sociais, psicológicos, etc. Por diferentes razões, o comportamento do indivíduo pode estar além do alcance das políticas públicas e estas podem, ou não, ser facilitadas pelos mecanismos reguladores e incentivos econômicos. É necessária uma estratégia articulada para facilitar a mudança almejada, garantindo que as estruturas de incentivo e as regras institucionais favoreçam o encaminhamento de políticas em direção à sustentabilidade. ●

PARA SABER MAIS:

- *Política Nacional de Resíduos Sólidos*. 2010. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm.
- Ana Paula Bortoleto, Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias, Maria Cecília Loschiavo Santos. *Reflexões sobre consumo, vida urbana e sustentabilidade*. In: Bruno Roberto Padovano, Marly Namur, Patrícia Bertacchini Sala. *São Paulo: em busca da sustentabilidade*. EDUSP/PINI, 2012.
- Maria Cecília Loschiavo Santos, Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias, Stuart Walker. *Design, Resíduos & Dignidade*. Editora Olhares, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/residuos>.

SYLMARA GONÇALVES-DIAS > Professora da EACH-USP > sgdias@usp.br